

MANIFESTO À NAÇÃO BRASILEIRA PELA REPARAÇÃO HISTÓRICA AO POVO DE CANUDOS!

“Grande era a Canudos do meu tempo. Quem tinha roça, tratava da roça na beira do rio. Quem tinha gado, tratava do gado. Quem tinha mulher e filhos, tratava da mulher e dos filhos. Quem gostava de rezar, ia rezar. De tudo se tratava, porque a nenhum pertencia e era de todos, pequenos e grandes, na regra ensinada pelo Peregrino.”
(Honório Vilanova, sobrevivente da guerra)

Nós, historiadores, pesquisadores e estudiosos do movimento conselheirista e da Guerra de Canudos, bem como os defensores e/ou entusiastas dessa história, signatários desse Manifesto, na oportunidade em que se avizinham as comemorações dos 130 anos do final da guerra (1897-2027), vimos a público apresentar nosso firme posicionamento sobre a **DÍVIDA** que o Estado brasileiro tem para com o povo de Canudos e pleitear uma justa **REPARAÇÃO HISTÓRICA** pelos muitos danos provocados quando do conflito armado que conflagrou o Sertão da Bahia no final do século XIX, cujas consequências graves ainda hoje se fazem sentir.

A Guerra de Canudos foi um dos episódios mais marcantes da história das Américas. No ano de 1897, o Estado brasileiro, através do Exército, com o apoio das elites latifundiárias e da igreja, mobilizou mais de 12 mil soldados de 17 estados para destruir a comunidade liderada por Antonio Conselheiro em 1893, numa guerra perversa, que culminou com a morte de aproximadamente 20 mil homens, mulheres e crianças, muitas das quais degoladas, evisceradas e violentadas.

Nos anos que se seguiram a ação de “terra arrasada”, o cenário foi de fim de mundo no Sertão da Bahia. Mas, mesmo após o massacre e a onda de perseguições e assassinatos que se abateu sobre os sobreviventes, Canudos resistiu e, a partir de 1909 iniciou sua reconstrução nas mesmas terras que Antonio Conselheiro viveu com seu povo, na construção de uma comunidade justa e solidária, em que o uso da terra era comum e não havia opressão.

O tempo passou e em Canudos restava quase que somente a história, preservada na memória dos sobreviventes da guerra que escaparam nos últimos dias do conflito ou foram aprisionados e enviados para Salvador sob a proteção do *Comitê Patriótico da Bahia*, coordenado por Lélis Piedade.

Como se não bastasse ser destruída pelas bombas incendiárias e genocidas do Exército e testemunhar os sobreviventes sofrerem preconceitos e perseguições no longo pós-guerra, eis que em março de 1969, as águas do rio Vaza Barris represadas no Açude de Cocorobó, cobriram as terras sagradas onde um dia floresceu a comunidade conselheirista. Foi mais uma tentativa de apagar essa história, tão encantadora e tão digna, constantemente revivida nas lembranças de velhos moradores.

Contudo Canudos continuou resistindo e foi reconstruída mais uma vez, agora em terras vizinhas ao antigo arraial. Na atualidade, a permanência das desigualdades sociais agravadas pelo massacre perpetrado pelo Estado brasileiro é estrutural, constituindo-se em **DÍVIDA** a ser **REPARADA**, sem mais demora.

É pertinente lembrar que, logo após o final da guerra houve iniciativas de grandes latifundiários exigindo indenização por perdas e danos causados pelo Exército em suas propriedades. Eles foram atendidos e receberam vultosas somas. Mais do que justo, portanto, o povo de Canudos, que efetivamente viveu as piores dores e sofreu as maiores perdas, ter sua merecida **REPARAÇÃO**. Por isso as iniciativas institucionais ora em curso, vindas de parlamentares e do executivo municipal de Canudos (processo nº 1007856-32.2025.4.01.3306 em tramitação), são merecedoras de nossa atenção.

Protagonista de uma das mais mobilizadoras histórias da aventura humana, o Sertão de Canudos precisa urgente de uma **REPARAÇÃO HISTÓRICA**, com medidas corretivas que, aplicadas de forma **RESPONSÁVEL** e **ÉTICA**, amenizem as consequências nefastas que a Guerra e todo o terror do Pós-Guerra provocaram em muitas gerações de moradores da região, filhos e netos de sobreviventes.

Fazer a **REPARAÇÃO** é promover **CIDADANIA**... é fazer **JUSTIÇA SOCIAL!**

Os 130 anos da trágica Guerra de Canudos certamente é uma data mais do que oportuna para se fazer, o que se faz necessário:

- que o Estado brasileiro reconheça o **GENOCÍDIO** praticado no Sertão da Bahia, oficialmente peça **PERDÃO** ao povo de Canudos pelos crimes praticados pelo Exército e promulgue uma **ANISTIA** póstuma aos combatentes conselheiristas torturados e assassinados quando estavam prisioneiros;
- que o Estado brasileiro efetivamente promova **POLÍTICAS PÚBLICAS REPARADORAS** de cunho estrutural, que corrijam as desigualdades sócio-históricas e atendam às necessidades coletivas do povo canudense. Que haja uma indenização pecuniária com os recursos direcionados **EXCLUSIVAMENTE** para aplicação na **EDUCAÇÃO, SAÚDE, HABITAÇÃO, INFRAESTRUTURA SANITÁRIA** e na implementação de políticas sustentáveis de **PRESERVAÇÃO** e **EDUCAÇÃO AMBIENTAL**. E que a utilização desses recursos, bem como sua fiscalização, seja de acordo com a legislação vigente;
- que seja elaborada e aplicada uma política de construção histórica, com a criação de novos espaços e a qualificação dos já existentes, dedicados a preservação da Memória Histórica de Canudos, no passado e no presente, valorizando as criações artísticas, visuais, musicais e literárias genuinamente sertanejas;
- que sejam criados em Canudos **CENTROS DE MEMÓRIA E DOCUMENTAÇÃO** da vasta e rica produção sobre o tema, se apresentando como referência nacional e internacional de saberes e ações, vitais para a história da comunidade conselheirista de Bello Monte;
- que se instale uma Vara Judiciária local, agilizando as demandas da população e possa dar maior celeridade nos processos cíveis e criminais;

Hoje, nos 133 anos de fundação do Bello Monte/Canudos, são essas propostas que apresentamos e por elas lutamos.

Canudos, Bahia, Brasil, 13 de junho de 2026.

Assinam esse Manifesto:

Acácia Rios - Professora e Escritora

Adeíto Manoel Pinho - Professor (UEFS)

Adriana Gonsalves da Silva Fontes - Professora e Pesquisadora

Aleilton Santana da Fonseca - Escritor, Professor, presidente da Academia de Letras da Bahia

Antenor Júnior - Ponto de Cultura Os Sertões

Antonio Fernando de Araújo Sá - Professor (UFS)

Antonio Gringo Barreto - Ator, Diretor Teatral e Poeta

Antonio Olavo - Cineasta e Pesquisador

Bruno Cavalcante Dias - Professor, Vereador (Quijingue-BA)

Claudio Novaes - Professor (UEFS)

Clóvis Frederico Ramaiana Moraes Oliveira - Historiador

Dágina Chaves Gomes - Professora
Décio Torres Cruz - Professor (UFBA/UNEB) e Escritor (Academia de Letras da Bahia)
Eduardo Hoornaert - Historiador
Elane Santos Geraldo - Doutoranda/PPGDC
Eliene Dourado Bina - Museóloga e Pedagoga
Eurides de Souza Santos - Professora
Fábio Paes - Historiador, Músico e Professor
Gereba - Cantor e Compositor
Jefferson da Cruz Fonsêca - Metalúrgico
Jilson Cardoso - Prefeito de Canudos
João Batista da Silva Lima - Historiador (Campus Avançado de Canudos-UNEB / IPMC)
José Alex da Silva Oliveira (Lequinho da Cultura) - Multiartista e Produtor Cultural (Canudos)
José Américo Amorim - Poeta e Guia do Sertão
José Carlos Barreto de Santana - Professor (UEFS)
José Carlos Pinheiro - Historiador (CEEC/UNEB)
Josias Santos - Produtor
Léa Costa Santana Dias - Professora (UNEB)
Leopoldo M. Bernucci - Professor (University of California-Davis)
Lícia Soares de Souza - Professora Emérita (UNEB)
Lucas Souza Viana - Historiador e Cineasta
Lucicleide Guimaraes Ribeiro (Movimento Popular e Histórico de Canudos - MPHIC)
Luiz Carlos de Andrade Santos - Instituto Popular Memorial de Canudos - IPMC
Luiz Paulo Neiva - Professor (UNEB)
Lula Oliveira - Cineasta
Ma. de Lourdes Soares Ornellas - Professora (UNEB) e Psicanalista
Manoel Neto - Historiador (CEEC/UNEB)
Marco Antônio Villa - Professor e Historiador
Maria Raimunda Oliveira de Carvalho - Professora e Pesquisadora
Miguel Ângelo Almeida Teles - Historiador
Moisés Rebelo Varjão - Camponês (Canudos)
Nilma Gonçalves - Jornalista
Oleone Coelho Fontes - Ficcionista, Historiador e Jornalista
Otoniel Fernandes Neto - Pintor
Paulo Régis dos Santos - Guia de Turismo (Canudos)
Paulo Rosa Torres - Advogado
Pedro Barboza de Oliveira Neto - Professor Emérito (UCSAL)
Pedro Lima Vasconcelos - Professor (UFAL)
Pingo de Fortaleza - Cantor, Compositor, Escritor e Pesquisador
Rachel Bueno - Escritora e Professora (Ciclo de Estudos Euclidiano - São José do Rio Pardo)
Raimundo Bujão - Presidente do Fórum de Entidades Negras da Bahia (FENEBA)
Raimundo Laranjeira - Designer Gráfico e Diretor de Arte
Ricardo Moreno - Professor (UNEB)
Roberto Dantas - Professor (UNEB)
Rui Rezende - Fotógrafo de Natureza
Sílvia Maria da Cruz Fonsêca - Professora
Socorro Araújo - Jornalista
Tarcísio Fernandes Cordeiro - Professor (UFRB)
Thyrso Sacramento Maltez - Professor
Tiago Queirós dos Santos - Jornalista
Udinéia Braga - Historiadora
Vanderlei Leite da Silva - IRPAA
Walnice Nogueira Galvão - Professora (USP), Ensaísta e Crítica Literária